



Dupla jornada

Daise Calazans: renda da família é complementada com trabalho em um táxi

Educadora carioca vira taxista

CHICO OTÁVIO

RIO — O professor de uma escola pública no Rio recebe atualmente o equivalente ao preço de três bananas por aula, de acordo com os cálculos do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe). Em fevereiro, um professor iniciante no Estado recebeu Crs 141.234,00, menos da metade dos Crs 322.916,00 pagos no mesmo mês a um gari carioca em princípio de carreira.

As negociações entre o movimento dos docentes e o governo chegaram a um impasse e levaram à greve. Os 60 mil professores municipais estão parados há mais de um mês e os 80 mil estaduais cruzaram os braços no início de março. Os docentes reivindicam piso salarial de Crs 387 mil.

A falta de perspectiva no mercado de trabalho para professores já está levando algumas faculdades a desistir de formar novos quadros para o magistério. Não há candidatos suficientes para as vagas oferecidas. "Não dá para viver

com esse salário", desabafa a professora estadual Daise Calazans.

A vice-presidente do Sepe, uma entidade que representa 350 mil profissionais de educação no Estado do Rio, é vista frequentemente dirigindo um táxi nas ruas do Meier e Tijuca, bairros da Zona Norte do Rio, para complementar a sua renda familiar. A professora Daise tem 25 anos de magistério, é formada em pedagogia e tem vários cursos de especialização.

Comparação — A idéia de comparar os salários dos professores estaduais e municipais ao preço da banana partiu da agência de publicidade que montou a estratégia de marketing da campanha salarial da categoria. A sugestão pegou e a banana acabou se transformando no símbolo da campanha. Para os professores, a fruta também simboliza a atenção que o ensino tem merecido por parte das autoridades estaduais. "Eles estão dando uma banana para a educação", ironiza Daise.

O maior obstáculo da campanha é a grande quantidade de professores fora de sala de aula, trabalhando em repartições e gabinetes de políticos. Calcula-se a existência de pelo menos 25 mil professores nesta situação. Quando é cobrado a respeito da pauta do magistério, o governador Leonel Brizola costuma responder que não pode pagar bons salários para quem não está dando aulas.

Nem todos os professores públicos do Rio, contudo, têm do que reclamar. A política educacional do governo criou uma pequena classe de privilegiados, que até abril estará recebendo piso de Crs 517 mil, sem reivindicar nada.

São os 3 mil professores dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), favorecidos por uma lei estadual recente que estabelece gratificação por hora-aula. Como os Centros Integrados de Educação Pública funcionam com turno integral, estes professores chegam a receber, no final do mês, o dobro do salário das colegas das outras escolas.